



UMA ETAPA DE RESISTÊNCIA: CONTRA O IMPERIALISMO E A DEPENDÊNCIA

Há 195 anos, no dia 7 de setembro de 1822, o Brasil teria conquistado supostamente sua independência política. Mas o “grito da independência” foi um “conto pra boi dormir”, pois a independência política nunca superou a exploração colonial. No fim das contas a coroa portuguesa, sem condições de sustentar sua hegemonia, preferiu sair por cima.

A independência política do Brasil foi feita pelo andar de cima, enquanto no restante da América Latina processos de luta foram tocados com participação popular. Seguimos como um país dependente, antes de Portugal, depois pelo imperialismo inglês e agora quintal do governo dos Estados Unidos, fornecendo matérias-primas (minério de ferro, soja etc) ao faminto capitalismo europeu, chinês e norte-americano.

O imperialismo é uma dominação de uma classe dominante de outro país sobre todas as classes de um país, que tem como objetivo transferir recursos do país dominado para o dominante. Para isso, se expressa na imposição de políticas que mantém a dominação e a exploração.

A independência da América Latina nunca passou de promessa. Neste sentido, quando olhamos para o sé-

culo XX, percebemos que a região se desenvolveu sempre de maneira



dependente e subordinada. Grandes parques industriais se formaram nas principais economias latino-americanas, como Brasil, México e Argentina, mas se expandiram como meros apêndices das economias centrais.

Mesmo nos governos petistas que se vangloriavam de promover o “desenvolvimento”, o Estado brasileiro seguiu como um país capitalista, dependente e exportador de produtos primários. A diferença é que o governo do PT distribuiu algumas migalhas aos de baixo, enquanto o preço

alto das commodities permitiu sobreviver a crise econômica iniciada em 2008.

O imperialismo apesar de ter virado algo “fora de moda” no vocabulário de alguns setores da esquerda nunca saiu de cena e tem seus agentes nas políticas financeiras dos EUA e dos organismos econômicos (FMI, Banco Mundial), na ação militar (OTAN, DEA e bases na América Latina), nos organismos políticos de partidos nacionais alinhados e satélites.

Isso não quer dizer que estamos condenados a uma eterna subordinação. É fundamental partir de uma perspectiva de libertação nacional que tenha como foco os direitos e a luta da classe trabalhadora, sem qualquer ilusão com os exploradores nacionais (empresários e políticos).

Jamais podemos esquecer que a dominação histórica do imperialismo não teria acontecido sem a participação dos ricos e poderosos que assumem o papel de “empregados” das potências econômicas. A nossa burguesia é nacional, mas nunca foi e nunca será nacionalista.

Historicamente, os empresários nacionais sempre encontraram mais aliados do que adversários nos centros econômicos e financeiros internacionais. Antes parceiros do que inimigos, como prova a migração dos

frigoríficos da JBS para os Estados Unidos. Engordada com dinheiro do BNDES (que é dinheiro de trabalhadores/as) durante o governo Lula e Dilma, hoje a JBS transfere suas transações totalmente para o território norte-americano.

Parte do empresariado nacional também apoia a abertura da economia ao capital externo, o que significa ainda mais dependência do sistema financeiro e exploração.

Por isso não podemos só pensar o que está se passando na política nacional. Grande parte do que está ocorrendo no Brasil está amarrado a essa intromissão imperialista de séculos, que abertamente mostra suas garras na região latino-americana de maneira mais visível. Aliás, Trump disse abertamente que estavam trabalhando para “desestabilizar” a Venezuela.

Sem termos em mente que nós, junto com o restante da periferia global, somos uma peça essencial do sistema econômico vigente, é muito difícil desvendar o que está por trás da atual crise política e econômica que assola a região.

A chave para entender o dilema latino-americano e superar a dependência é compreender essa dominação construída após os processos de independência política da região.

(continua na página seguinte)

Nesta Edição

I ENCONTRO DO GT DE GÊNERO DA CAB... pág 2

TODA MULHER NEGRA É UM QUILOMBO - CAB ... pág 3-4

**COLETIVO DE PRODUÇÃO DO MST CONQUISTA MAIS
UMA EXPERIÊNCIA AGROECOLÓGICA ... pág 4**

LUTA CAMPONESA NO AÇU ... pág 4

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS ... pág 4

NAS BOCAS...

**“Perfeição ou nada” é a idéia dos individualistas, não a idéia de revolucionários
que lutam pelos interesses do povo.**

Ba-jin (anarquista chinês)

(continuação da página anterior)

Os agiotas da “dívida”

Uma das formas de manter a dominação imperial e a política dependente se dá pelo sistema financeiro internacional. Hoje em dia a “dívida” externa ainda bloqueia qualquer possibilidade de “desenvolvimento” econômico e social. Metade do orçamento brasileiro está comprometido com o pagamento da agiotagem do sistema financeiro: bancos, organismos internacionais e milionários e cabe dizer que nenhum governo (do PT ao PSDB) ousou enfrentar esse mecanismo. Ou seja, de cada 10 reais, quase 5 estão comprometidos com uma “dívida” com o sistema financeiro. Colocamos entre aspas pois até hoje, os valores e a origem dessa dívida são questionáveis.

Isso compromete totalmente o acesso aos direitos e serviços essenciais, como saúde, educação e previdência social. Falta dinheiro para a saúde, para educação, para a infra-estrutura nas cidades, mas sobra pra pagar banqueiros. Os ataques aos nossos direitos (trabalhistas, previdência etc) são apoiados abertamente pelos organismos de crédito internacional a serviço do imperialismo e por seus agentes locais (partidos políticos e ultra-liberais).

Abre-se então uma nova fase de dominação continental imperialista, com participação da burguesia nacional e de seus políticos com a intenção de estabelecer um novo marco na exploração sobre a classe trabalhadora brasileira. Se isso era feito de maneira homeopática pelo PT, depois do golpe de 2013 é aprofundada. A participação dos EUA nos investimentos diretos no Brasil cresceu de 14% (2013-2016) para 31% (2017) [1].

Junto a outros países, esses investimentos chegam a 75 bilhões e se concentram na extração de petróleo e de gás, comércio, telecomunicações, na indústria automobilística e energia. Ou seja, toda a infra-estrutura e setores básicos da economia

brasileira passam a ser controlados por empresários de outros países.

Com isso vem o discurso da privatização, defendido principalmente pelos grandes meios de comunicação (Rede Globo, Record etc) que historicamente estão associados ao sistema financeiro, que tenta convencer o povo que entregar a infra-estrutura, terras e recursos naturais e energéticos ao capital estrangeiro “será positivo para os trabalhadores”.

Portanto, está claro que a atual conjuntura de ataques aos direitos do povo no Brasil, e no estado do Rio de Janeiro, está relacionada com esta lógica imperialista, que trabalha junto com os poderosos do país, na manutenção de relações de dominação e exploração que tem avançado ainda mais.

Também são resultados disso os sistemáticos massacres e extermínio da população negra de periferias e favelas, quilombolas, indígenas, sem terras e camponeses, através de políticas de controle e violência militar e policial brutais sobre o povo.

O corte criminoso de recursos da saúde e educação, gerando atraso nos salários de servidores e o sucamento de hospitais, escolas e universidades, o que só favorece o capital que busca investir e lucrar com estes setores básicos e importantes para a população. As políticas de privatização da água, e de exploração recursos energéticos e naturais, interesse de mega-empresas norte americanas, chinesas e europeias. O que levará a mais massacres e conflitos no campo. Assim como mais precarização do trabalho e dos nossos direitos.

A independência só virá com organização e pressão popular

As saídas não estão em uma outra conciliação de classes com a burguesia (como apontada pelo PT), o que também é outro “conto pra boi dormir”. Não é com a luta subordinada às pautas partidárias e eleitoreiras

que se mobilizará o povo. Mas com o trabalho de base e com movimentos sociais independentes onde as bases têm participação e decisão direta nos rumos da luta.

Com mobilização e espaços de democracia direta nos locais de trabalho e de moradia e de estudo, para superar o espontaneísmo de apenas ir ao ato e continuar desorganizado/a. É preciso avançar para além do radicalismo que promete a revolução para a semana e do reformismo que sempre amortece as lutas e pacifica a rebeldia pelo andar de cima.

Apostar modestamente no fortalecimento de um pólo combativo e independente. Por isso, nesse Grito dos Excluídos, mais do que nunca as ruas devem ser ocupadas pelo povo apontando nossos inimigos (burgueses nacionais/internacionais, imperialismo e políticos), em unidade contras os ajustes dos de cima, para gritar, resistir e exigir seus direitos, pois as conquistas só virão com organização e pressão popular.

Não é tempo de “amaciar” a luta com burocracias, propor acordos com nossos inimigos de classe ou ir à reboque das eleições. Se o lulismo (esperança dos reformistas) vencer, virá ainda mais recuado do que dos anos anteriores e tudo indica, aliado (como sempre) ao que há de pior na política nacional. É fundamental afirmar um programa popular de defesa dos nossos direitos que não passa pelas eleições de 2018 e pelos conchavos eleitorais que rifam os direitos do povo em nome da “governabilidade”.

A etapa exige um acúmulo de forças populares que só pode se construída à partir de um trabalho de base e de luta nas ruas, sem tréguas, com movimentos populares e sindicatos organizados, contra os ajustes políticos e econômicos!

Democracia direta já!

Barrar as reformas nas ruas e construir o poder popular!

[1] Fonte: Banco Central.

I Encontro do GT de Gênero da CAB

No dia 16 de junho de 2017 realizamos o 1º Encontro do GT de Gênero da CAB no Centro de Cultura Social no Rio de Janeiro. Este espaço foi muito importante para debatermos o feminismo que defendemos enraizado nas lutas sociais.

Vamos trabalhar de forma solidária junto a todas as outras lutas das/os oprimidas/



os, sempre tendo em mente as convergências que existem entre essas e a pluralidade das mulheres.

A destruição do machismo, do patriarcado e também as relações de poder entre os gêneros, não devem ser vistas como dissociadas da luta por uma radical transformação nas bases da sociedade.

A luta pela igualdade de gêneros é indispensável para a construção de uma nova sociedade justa, socialista e libertária.

Defendemos a experiência popular de luta pela vida das mulheres, rumo ao poder popular!

Não há socialismo sem feminismo!

**25 DE JULHO: DIA DA MULHER
NEGRA LATINO-AMERICANA E
CARIBENHA**

TODA MULHER NEGRA É UM QUILOMBO COORDENAÇÃO ANARQUISTA

[...]. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe, gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre a outra.”

Ângela Davis

Nós Negros e Negras e a condição de escravidão. A estimativa é que, ao longo de 400 anos, tenham sido retirados da África 12,5 milhões de pessoas, em uma das maiores migrações forçadas da história. O Caribe e a América do Sul receberam 95% dos/as negros/as que chegaram às Américas. O Brasil recebeu quase a metade dos 11 milhões de pessoas escravizadas desembarcadas nas Américas.

O comércio da escravidão serviu como sustentáculo para a criação do capitalismo, quer pela acumulação de riquezas nas metrópoles – uma vez que o tráfico transatlântico foi o que gerou receitas para a criação das indústrias na Europa –, quer pelo próprio mercado da escravidão, que foi o negócio mais rentável nas Américas e que possibilitou a feitorização das colônias ameríndias para os séculos de exploração brutal e desenfreada das nossas “veias abertas”: as empresas negreiras eram altamente sofisticadas do ponto de vista empresarial, trabalhavam com altíssimas taxas de lucro – cerca de 20% líquidos por viagem*.

A colonização não teve apenas um sentido econômico central, possuiu também outros sentidos condicionantes, como o político e o social. Durante a colonização, houve um contato violento entre as culturas negras, indígenas e europeias, envolvidas em um projeto

racista da elite brasileira, que investiu em um embranquecimento gradual e silencioso, mascarado de “democracia racial”. Moramos num lugar comum, perto daqui, chamado Brasil, feito de três raças tristes como já disse Belchior, mas esse mito das três raças que geram pela harmonia delas uma nova etnia, a brasileira, não é mais do que pura mentira, esconde toda a violência que sofreram as raças subjugadas nesse processo de dominação.

É desse mesmo mito que surge as pérolas que dizem: “no Brasil não existe racismo”, “eu não sou racista” e que não conseguem enxergar que mesmo não havendo uma política de diferenciação, como foi o apartheid dos EUA e da África do Sul, a integração brasileira foi tão sangrenta quanto. A verdade é que a formação do povo brasileiro surgiu de um estupro colonial, sagrado e paternal: a supremacia branca através do poder do Estado provocou um genocídio do povo negro e indígena, explorando nosso povo para a produção de riquezas. A palavra “estupro” é fundamental na descrição: concebido com a intenção de intimidar e aterrorizar as mulheres, os proprietários de escravos encorajavam seu uso terrorista para colocar as mulheres negras em posição de inferioridade. Praticamente todas as narrativas sobre a escravidão no século XIX trazem relatos de violência sexual sofrida pelas mulheres nas mãos de senhores e feitores, a conjugação da supremacia branca e masculina. Os portugueses já eram um povo mestiço antes da chegada ao Brasil, devido seu contato histórico com sarracenos, árabes e africanos. Por isso, não detinham o medo de “poluir-se” como tinham os dominadores norte-americanos e sul-africanos. Logo, parte do projeto de embranquecimento das nossas elites vinham pela prática do estupro. Já a palavra “sagrado” coloca-se em questão, pois tudo isso foi feito com as bênçãos de uma igreja branca e patriarcal (papa), de imagem e semelhança de seus deuses brancos, na qual proliferava aos quatro ventos e em favor dos ricos, que negros e negras não tinham alma à serem salvas.

Com a abolição formal da escravidão, não houve a tão sonhada integração do negro à sociedade de classes, o que gerou criminalidade e encarceramento. A opção por imigrantes não foi só uma opção de trabalho, mas de branqueamento da população, em uma “segunda fase” do projeto das elites brancas. Vivemos em uma sociedade racista, que explora e maltrata nosso povo negro desde violências policiais nas periferias urbanas e nas comunidades quilombolas, a violências simbólicas e institucionais.

Violências de gênero, classe e raça. O racismo brasileiro encontra na misoginia um mecanismo eficiente de opressão. O racismo institucional atinge as mulheres negras assustadoramente, tendo em vista que são as mais afetadas pelas desigualdades socioeconômicas de um país ainda escravocrata e que vive um retrocesso dos direitos conquistados com muita luta pelos/as de baixo. Todas as reformas, Propostas de Emenda Constitucional e Medidas Provisórias arquitetadas pelos de cima vêm para atingir todos/as os/as de baixo, mas que terão impacto diferenciado sobre grupos historicamente esquecidos como as mulheres negras que são as que menos terminam o Ensino Fundamental e Médio, tampouco o Ensino Superior. São também as que mais trabalham, porém com rendimento mínimo e em condições de subemprego. São as que menos recebem assistência do SUS (como menor tempo de atendimento, maior mortalidade infantil e por doença falciforme etc.), o saneamento básico não chega em todas as nossas comunidades, fazendo com que sejamos as mais atingidas por doenças.

De acordo com o mapa da violência (2015) o homicídio das mulheres negras cresceu em 54,2%. Em relação a violência doméstica 58,86% são de mulheres negras. A mortalidade materna das mulheres negras também é a maior com 53,6% e são as que mais precisam abdicar de algum aspecto de nossas vidas para dar conta de todas as barreiras colocadas pela supremacia branca e patriarcal – seja o trabalho que se quer, o lazer que se gosta, a família unida, dentre tantos outros. Nos centros penitenciários femininos, segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) de 2014, duas a cada três detidas eram negras (68%). Das detidas, 57% eram solteiras, 50% tinham o Ensino Fundamental Incompleto e 50% tinham entre 18 e 29 anos. O Brasil é o 5º maior com população carcerária feminina. Esse é só um retrato do extermínio e da criminalização da população pobre, negra e periférica que tem suas vidas ceifadas através do braço armado do Estado – a polícia. Ainda de acordo com o Infopen, o tráfico de drogas é o crime que mais prende mulheres no Brasil. Esse número chega a 68%, seguido por roubo (10%) e furto (9%).

A guerra às drogas justifica a morte do povo negro nas favelas. E são as mulheres negras que mais sofrem com o extermínio de seus filhos/as, tendo em vista que os pais abandonam as crianças mesmo até antes de nascer. A mídia contribui para a sensualização do corpo da mulher negra, o que é determinante para os casos de estupros. Como exemplo típico, é a mulher negra e jovem (e por que não dizer, nordestina no caso do Brasil?) que é a mais objetificada no Carnaval.

Sem falar nas propagandas de cerveja, carro e outras mercadorias que, para serem vendidas, têm seu valor adjetivado pelo corpo feminino, na maioria, corpo de mulheres negras. A mídia reforça e naturaliza a concepção de que “a carne mais barata do mercado é a negra” e serve para apreciação e uso pelo homem. As mulheres negras também sofrem quando não podem manifestar sua espiritualidade, cultura e religiosidade. São inúmeras as violências contra a umbanda e o candomblé – religiões de matriz africana – além da criminalização. Em 2015, casos como o da menina Kaylane Campos, atingida com uma pedrada na cabeça, aos 11 anos, no bairro da Penha, na Zona Norte do Rio, quando voltava para casa de um culto e trajava vestimentas religiosas candomblecistas, e de um terreiro de candomblé que foi incendiado em Brasília nos mostra o quanto a intolerância aliada à supremacia branca e cristã produz racismo e violência, disseminando o ódio.

Negras Resistências. Cada mulher negra que se mantém caminhando e enfrenta o racismo e o machismo em sua rotina diária é um ícone de força e celebração da negritude. Desde o início da escravização no Brasil as mulheres negras permanecem firmes em resistências. Quer por meio de ação direta, como faziam as nossas velhas pretas nas cozinhas dos brancos, quer por meio da resistência organizada nos quilombos. Em muitos casos, a resistência das mulheres negras envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens, incluía por exemplo aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como repassar para as mais novas conhecimentos tidos como subversivos pelos senhores. (continua na próxima página)

Coletivo de Produção do MST conquista mais uma experiência agroecológica



Fortalecendo a agroecologia, famílias sem-terra do assentamento Osvaldo de Oliveira esperam colher quatro toneladas de feijão no próximo mês de agosto.

A luta coletiva e o trabalho de base, se bem semeados, dão seus frutos. E um exemplo disso é a produção de feijão agroecológico pelo Coletivo de Produção do assentamento Osvaldo de Oliveira, no município de Macaé. Sendo o primeiro Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) do estado, as famílias do assentamento mostram que é possível as famílias produzirem e viverem em áreas de preservação e em harmonia com a natureza.

Esta é a segunda experiência de produção do coletivo, formado por 15 famílias, em uma área coletiva de 5 hectares. Lá cultivam diversos alimentos como aipim, abóbora, batata doce, quiabo e feijão preto. Sendo este último plantado em uma área de 1 hectare no mês de maio, por meio de mutirões semanais.

Espera-se colher o feijão em agosto, que será comercializado através do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) nas escolas municipais de Macaé. É importante reforçar que todo esse processo foi fruto das conquistas da luta destas famílias do MST, que ocuparam a prefeitura reivindicando maquinário (uma tobata) e apoio técnico para a produção.

Mais uma vez a pedagogia da luta nos

ensina que os desafios da classe trabalhadora são conquistados coletivamente e com a mobilização do povo desde a base.

Vida longa ao PSD Osvaldo de Oliveira!

(continuação da página anterior)

Atualmente, a organização em movimentos sociais mistos, porém auto-organizados por identidade de gênero ou racial, são nossas ferramentas de luta. Só a organização e a autodefesa das mulheres negras contra o machismo, a supremacia branca, o capitalismo e o Estado podem nos libertar.

Temos ciência que a luta parlamentar não nos trará frutos de resistência, pelo contrário, fortalecerá as novas correntes de escravidão. O silenciamento de Tereza de Benguela – mais uma mulher negra negligenciada pela história brasileira – representa uma forma de fazer história para a qual não podemos nos curvar.

Uma história branca, machista e eurocêntrica, que entoa muitos feminismos, mas que não cabe nas nossas fileiras. Grita a necessidade de construirmos um feminismo nosso, não eurocêntrico, com nossas raízes indígenas e quilombolas.

Viva Dandara! Viva Tereza de Benguela! Viva Negra Bonifácia!

Notícias Libertárias

Foi-se o minho... - Nos deixou no dia 12 de maio, nosso amado gato, o Minho, que mesmo com todos nossos esforços que fizemos, não se recuperou dos efeitos invencíveis da idade. Viveu durante toda sua vida no Centro de Cultura Social - RJ (CCS) cercado de companheiras e companheiros. Desfilou por entre assembleias, imperceptível ou não, passou por reuniões e acompanhou todo o movimento de nosso centro comunitário.

Foi alvo de imensa solidariedade quando adoeceu na última vez, mostrando em pequenos atos, a força do trabalho comunitário e entre vizinhos, amigas e trabalhadores. Viveu e conviveu dignamente entre

lutadores e lutadoras do povo (às vezes, de outras partes do mundo).

A convivência com o Minho nos fez mais humanos e somos gratos/as por sua companhia. Foi enterrado no lugar de onde nunca saiu onde foi plantado um ipê em sua homenagem. **Que a terra lhe seja leve companheiro Minho.**

Pró-OEA no Amazonas - Lançada em agosto, a pró-organização específica anarquista no Amazonas que se baseia na tradição organizacionista e especificista procura “se somar no projeto e construção deste espaço de luta dos de baixo, autônomo, livre e comprometido com as lutas populares”. Que frutifique!

Tese de doutorado sobre o Libera - No dia 31 de março de 2017, o pesquisador João Henrique de Castro Oliveira defendeu a tese de doutorado em História na Universidade Federal Fluminense “Libera... Amore mio. Imprensa anarquista e comunicação contra-hegemônica em tempos de consenso neoliberal”. O Libera bateu um papo com o autor e tentou entender melhor a proposta da sua pesquisa. Vocês podem ler a entrevista no site da FARJ! O Libera saúda o autor por sua contribuição a história do anarquismo!

Luta camponesa no Açu!

O conflito no Açu dura 10 anos, no qual famílias tiveram suas terras desapropriadas pelo governo Sergio Cabral e pelo empresário Eike Batista para a implantação do megaempreendimento portuário-industrial. As famílias de agricultores e pescadores do 5º Distrito/Açu foram brutalmente violadas na ocasião e continuam sendo até hoje. No dia 19 de abril agricultores/as junto com apoiadores reivindicaram justiça realizando uma ocupação e resistindo 95 dias no Acampamento Aloísio e Maura.

A mando do juiz da 1ª vara da comarca de São João da Barra/RJ houve a reintegração de posse no dia 26 de julho, com policiais fortemente armados. Tivemos 3 detenções de companheiros, 2 agricultores e 1 militante do MST. Solidariedade aos agricultores/as do Açu!

Pela devolução imediata das terras do Açu aos agricultores e agricultoras! Pela anulação do decreto desapropriatório!

BIBLIOTECA SOCIAL FÁBIO LUZ - Fundada em 18 de novembro de 2001

Libera, 2.000 exemplares. Agradecemos a todas/os que fazem esta publicação ser possível, até as/os mais anônimos colaboradoras/es.

Se tem interesse de distribuir ou contribuir com o Libera entre em contato: farj@riseup.net

SITES - BRASIL: CAB: www.vermelhoenegro.net | CABN/SC www.cabn.libertar.org | ORL/CE www.resistencia.libertaria.org | OASL/SP www.anarquismosp.org | FAG/RS www.federacaoanarquistagaucha.org | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.noblogs.org> | FARPA/AL <https://farpaal.wordpress.com> | CALC/PR <http://anarquismopr.org.wordpress.com> | OAZ/PI <https://oazblog.wordpress.com> | FACA/PA <http://resistenciacabana.noblogs.org> | FAE/BA <https://faebahia.wordpress.com> | COMPA/MG www.coletivocompa.org | **ÁFRICA DO SUL:** ZACF www.zabalaza.net | **ARGENTINA:** FAR: <http://federacionanarquistaderosario.blogspot.com.br> | **COLÔMBIA:** Grupo Libertario Via Libre: <http://grupolibertariovia libre.blogspot.com.br> | **BOLÍVIA:** OARS www.oars.tk | **COSTA RICA:** Pró-FAC (Círculo de Estudos La Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> | **FRANÇA:** Alternative Libertaire <http://www.alternativelibertaire.org> | CNT Vignoles www.cnt-f.org | **MÉXICO:** AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | **PERU:** USL www.uslperu.blogspot.com | **URUGUAI:** FAU <http://federacionanarquistauruguay.com.uy> | **EUA/CANADÁ:** Black Rose/Rosa Negra: <http://www.blackrosefed.org> | NEFAC www.nefac.net | UCL www.causecommune.net | **ITÁLIA:** FdCA-Alternativa Libertária www.fdca.it | **IRLANDA:** WSM www.wsm.ie | **ESPAÑA:** CNT www.cnt.es | CGT www.cgt.org.es | EMBAT (Catalunha) <http://embat.info/> | **Anarkismo.net:** www.anarkismo.net